

## Novos rumos para a indústria

Setores tradicionais, como a produção de alimentos, e novos, incluindo medicamentos, investem em modernização e diversificação

Ainda fortemente concentrada em setores intensivos em recursos naturais, com destaque para grãos e minérios, a indústria de Goiás ensaia, em anos mais recentes, um movimento de desconcentração regional, ainda de forma tímida, e de diversificação setorial, com maior agregação de valor à produção primária, segundo diagnóstico recentemente produzido por uma equipe de economistas reunidos para formular novas diretrizes para a política industrial e tecnológica do Estado.

O vigoroso crescimento industrial experimentado pelo Estado ao longo dos últimos anos, analisa o coordenador técnico da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), Wellington da Silva Vieira, vem ocorrendo de forma mais desconcentrada, beneficiando novas regiões. Essa tendência, prossegue, evita o acúmulo excessivo de pressões nos maiores centros urbanos, aliviando tensões econômicas e sociais relacionadas a um incremento desmedido de demandas naquelas áreas.

"O parque industrial goiano está consolidado, como demonstra, a chegada da segunda montadora de veículos, implantada em Anápolis, e os investimentos recentemente confirmados por diversos setores, com destaque para o setor mineral, onde apenas a Anglo American aplicará US\$ 1,2 bilhão no Projeto Barro Alto", reforça o empresário Paulo Afonso Ferreira, presidente da Fieg.

Ele identifica no trabalho desenvolvido pelas entidades de classe, em parceria com o governo estadual, uma boa cota de responsabilidade pela abertura das portas da economia goiana a investimentos, "atendendo às necessidades das empresas". A concessão de incentivos, diz, entra como uma das variáveis nessa equação, compensando investidores por custos relativos mais elevados em função das distâncias em relação aos principais mercados consumidores e de deficiências no setor de infraestrutura ainda longe de serem sanadas.

"O Sistema Fieg, por meio do Sesi, Senai, Iel e ICQ Brasil, participou desse processo desde o seu nascedouro, numa atuação pró-ativa que busca antecipar soluções e facilitar trâmites burocráticos em órgãos do governo e secretarias estaduais", resume Paulo Afonso. A formalização do Fórum das Entidades Empresariais, arremata, agregou massa crítica à política de parcerias com o setor público numa iniciativa focada em resultados, "acima de eventuais diferenças entre as diversas entidades".

Preparado pelo grupo de trabalho constituído no final do ano passado, com participação de assessores das secretarias de Indústria e Comércio, Fazenda, Planejamento, Agricultura, Ciência e Tecnologia e Comércio Exterior, além de um representante da Procuradoria Geral do

Estado (PGE), o documento Diretrizes de Política Industrial e Tecnológica traça uma análise do avanço da industrialização nas últimas décadas e desenha o perfil do setor industrial hoje. A agroindústria surge como principal ator nesta área, com destaque para os complexos de processamento de grãos, carnes, lácteo, de processamento de tomate e o sucroalcooleiro.

A aceleração do crescimento industrial em Goiás dá-se no início da década de 1990, acentuando-se de forma mais agressiva a partir do final daquele período, aponta a versão original do documento. A estrutura industrial inicialmente instalada no Estado, continua a equipe governamental, derivou, portanto, do processo de modernização conservadora da agropecuárias e da grande mineração, com "oportunidades bastante limitadas de inclusão da pequena produção rural urbana".

'Nova etapa' - A fase recente desse processo, que contemplou uma política de incentivos fiscais ligeiramente mais seletiva do que a empregada até 1999, com foco no estímulo à verticalização, à agregação local de valor à produção primária e à redução das disparidades regionais, permitiu um crescimento proporcionalmente mais equilibrado, com expansão de empregos em maior velocidade do que a média brasileira. Entre 1999 e 2004, dado mais recente divulgado, o Produto Interno Bruto (PIB) de Goiás avançou a uma taxa média anual de 4,4% enquanto o restante do País crescia, também em média, 2,6% ao ano.

A participação do setor industrial no PIB goiano saltou de 28,7% em 1998 para 35,5% em 2004, com base em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O documento destaca ainda o comportamento do emprego industrial naquele período, com crescimento acumulado de 74,85% (de 80,272 mil para 140,358 ml vagas entre 1998 e 2005, segundo dados da RAIS trabalhados pela área técnica da Fieg).

A mesma série histórica mostra, no entanto, uma tendência à concentração do emprego nos três setores de atividade que mais se destacaram num período mais recente. A indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico, o setor têxtil, de vestuário e artefatos de tecidos e a indústria de fabricação de produtos químicos, farmacêuticos, veterinários e de perfumaria, pela ordem, responderam por 46,3%, 13,5% e 16,6% somando 76,4% do crescimento do emprego industrial naqueles sete anos, com destaque para o salto de 139% no segmento de produtos químicos e de 81,3% para o setor de alimentos e bebidas.

Considerados de forma desagregada, o trabalho aponta aumento de 300% no total de empregos gerados na indústria de carne, três vezes mais do que a média brasileira, além de incremento de 233% no setor de óleos vegetais (apenas 40% na média do restante do País) mais 261% na indústria do álcool (60,4% de avanço na média nacional) e 132,7% para o total de empregados na indústria de processamento de verduras e legumes (diante de 64,7% na média do País). Ainda como exemplos na mesma linha, verificou-se

crescimento expressivo para o número de empregos nos setores farmacêutico (mais 5362% entre 1998 e 2005), de cosméticos (mais 553%), embalagens de papel (279%) e plástico (160%).

Na liderança da pauta de exportações do Estado, com participação superior a 40% no total exportado por Goiás no ano passado, o que significou embarques em torno de US\$ 858,7 milhões, o complexo soja acumulou crescimento de 117% em sua capacidade instalada entre 2001 e 2006. A indústria goiana que poderia processar 8,66 mil toneladas por dia em 2001, representando 8% da capacidade brasileira, saltou para 18,8 mil toneladas diárias do grão (13,1% do total nacional). O incremento elevou o Estado ao quarto maior parque de esmagamento de soja do País.

'Renda e pobreza' - Como diferencial não desprezível, lembra a equipe governamental, ouve melhoria nos indicadores de pobreza e de distribuição de renda. Numa primeira fase, observada até o final dos anos 80, reflexo da chamada "modernização conservadora" da agricultura goiana, o índice de Gini, utilizando para medir o nível de concentração da renda, havia se aproximado de 0,61 (quanto mais próximo de um, maior a desigualdade), depois de sair de um pouco mais do que 0,56 em 1981. Entre 1995 e 2005, o índice tem se mantido abaixo de 0,56.

O percentual de pessoas com renda domiciliar per capita abaixo de R\$ 75,50 também baixou de 42% da população total no Estado para 21% entre 1981 e 2005, depois de atingir 30% em 1995. Para a média do restante do País, o total de pobres experimentou recuo muito mais brando, passando de 41% da população total, índice um ponto abaixo da taxa observada em Goiás em 1981, para 31% em 2005 - ou seja, dez pontos percentuais acima do índice coletado no Estado.

'Cenário nacional' - Outras estatísticas parecem reforçar os argumentos do governo, embora ainda sinalizem para uma concentração aparentemente não desejada da atividade industrial Anual (PIA), realizada anualmente pelo IBGE, indica que a participação goiana no cenário brasileiro tem avançado, confirmando taxas de crescimento na média superiores àquelas verificadas para a indústria em todo País.

Num horizonte mais longo do que aquele considerado pelo grupo de trabalho criado pelo governo estadual para rever a política de incentivos fiscais, a PIA mostra, por exemplo, que o total de empregos no setor industrial cresceu em ritmo mais modesto do que os demais indicadores, ainda que a posição do Estado tenha sido reforçada. Na comparação entre 2005, dado mais recente liberado pelo IBGE, e 1996, o total de estabelecimentos industriais aumentou 72,86% em Goiás (de 2.621 para 4.513), diante de um avanço de 33,5% em todo o País. Por conta desse desempenho, 2005, Goiás passou a contar com 2,74% de todas as indústrias do País, diante de 2,12% em 1996 e 2,5% em 1999.

A receita líquida de vendas aumentou quase seis vezes no Estado, pulando de R\$ 4,337 bilhões para R\$ 25,108 bilhões, em valores nominais. Na ponta do lápis, uma variação acumulada de quase 479% em nove anos, enquanto as vendas da indústria no restante do País cresciam "apenas" 246%. A fatia da indústria no restante do País cresciam "apenas" 246%. A fatia da indústria goiana na receita líquida de todo o setor avançou de 1,23% em 1998 para 1,72% em 1999 até atingir 2,05% há dois anos. Com a chegada de novas indústrias, como a Hyundai/Caoa, Siderúrgica Planalto e Anglo American (Projeto Barro Alto), e a expansão de outras, a exemplo da Perdigão, Copebrás e Votorantim Metais, essa participação deverá indicar novos incrementos nas pesquisas seguintes.

O valor da transformação industrial (VTI) cresceu igualmente em ritmo mais acelerado do que o restante do País, acumulando variação de 372,5% em Goiás (perante a 218,5% na indústria brasileira como um todo). Isso fez com que a participação da indústria goiana no VTI de todo setor no País pulasse de 1,12% para 1,66% entre 1996 e 2005.